A Paixão Segundo G.H.

adaptação do romance
de Clarice Lispector por Fauzi Arap

Cenários

Num canto do palco, vemos a mesa da cozinha, onde a personagem toma seu café, na primeira cena. Mas logo mesa e objetos deverão desaparecer, quando a ação se transfere para o quarto da empregada, onde acontece a maior parte da história.

O quarto poderá dispor de paredes móveis, capazes de ilustrar a viagem alucinatória da personagem. E o armário do quarto, com sua barata invisível, também deverá ser mais que realista, permitindo assim algum truque ou revelação que acompanhe plasticamente o desenrolar dos fatos, ou da "ausência de fatos".

Durante o processo vivido por G. H., a luz deverá pontuar toda a viagem. A certa altura, poderá revelar, ao longe, o deserto e os escombros que formam o horizonte da visão que a personagem tem da janela do quarto, e que emoldura parte de sua experiência.

Cena 1 - A Procura

A LUZ REVELA UMA MULHER INQUIETA, CUJAS INICIAIS SÃO G. H. ELA PARECE BUSCAR O QUE DIZER, PENSA EM FALAR E DESISTE. POR ALGUNS MOMENTOS ELA ENCARA A PLATÉIA E FINALMENTE SE DECIDE.

G.H.

... estou procurando, estou procurando. Estou tentando entender, tentando dar a alguém o que vivi e não sei a quem, mas não quero ficar com o que vivi, eu não sei o que fazer do que vivi, eu tenho medo dessa desorganização profunda.

Não quero me confirmar no que vivi, na confirmação de mim eu perderia o mundo como eu o tinha, e sei que não tenho capacidade para outro.

Eu não compreendo o que vi. E nem mesmo sei se vi, já que meus olhos acabaram não se diferenciando da coisa vista. Só por um átimo experimentei a morte, a fina morte que me fez manusear o proibido tecido da vida, e durante as horas de perdição eu tive a coragem de não compor nem organizar. E tive a coragem sobretudo, de não prever. Minhas previsões sempre tiveram o tamanho de meus cuidados, elas sempre me fechavam o mundo. Até que por horas, eu desisti. E por Deus, tive o que eu não gostaria.

Eu vi. Sei que vi porque não dei ao que vi o meu sentido. Sei que vi – porque não enten-

---

Fauzi Arap é ator e dramaturgo.

do. Sei que vi – porque para nada serve o que vi e agora vou saber reconhecer na face comum de algumas pessoas que elas esqueceram. E nem sabem mais que esqueceram o que esqueceram

Como é que se explica que o meu maior medo seja exatamente o de ir vivendo o que for sendo ? Como é que se explica que eu não tolere ver, só porque a vida não é o que eu pensava e sim outra – como se antes eu tivesse sabido o que era ? E porque é que ver é uma tal desorganização ? E uma desilusão. Mas desilusão de quê? ...Talvez desilusão seja o medo de não pertencer mais a um sistema.

Até agora viver era já ter uma idéia de pessoa e nessa pessoa organizada eu me encarnava... e nem ao menos sentia o grande esforço de construção que era viver. Ontem, no entanto, eu perdi, durante horas e horas essa minha "montagem humana"...

O que eu era antes, não era bom. Mas enquanto eu vivia presa, será que eu estava contente ? Ou havia, e havia sim, aquela coisa sonsa e inquieta, aquela coisa latejando, a que eu estava tão habituada que eu pensava que latejar era ser uma pessoa. E não é ? É! É também, é também...

Mas é que eu não sei que forma dar ao que me aconteceu. E sem dar uma forma, nada me existe. E – se a realidade é mesmo que nada existiu?! Quem sabe nada me aconteceu? Só posso compreender o que acontece mas só acontece o que eu compreendo – que sei do resto? O resto não existiu. Quem sabe nada existiu?!

Talvez o que me tenha acontecido seja uma compreensão – e que, para eu ser verdadeira, tenho que continuar a não entendê-la. Toda compreensão súbita se parece muito com uma aguda incompreensão. Não. Toda compreensão súbita é finalmente a revelação de uma aguda incompreensão. Todo momento de achar é um perder-se a si próprio. Talvez me tenha acontecido uma compreensão tão total quanto uma ignorância, e dela eu venha a sair intocada e inocente como antes.

Escuta, vou ter que falar porque não sei o que fazer de ter vivido. Pior ainda: não quero o que vi. O que vi arrebenta com a minha vida diária. E eu vou ter que ter a coragem de usar um coração desprotegido e ir falando assim... para o nada e para ninguém... como uma criança pensa para o nada. E correr o risco. Será preciso coragem para dizer e me arriscar à enorme surpresa que vou sentir com a pobreza da coisa dita. E eu vou ter logo de acrescentar: Não! Não é isso, não é bem isso! Mas é preciso também não ter medo do ridículo, eu que sempre preferi o menos ao mais também por medo do ridículo. Que eu tenha coragem de resistir à tentação de inventar uma forma, e a coragem de deixar que essa forma se forme sozinha como uma crosta que por si mesma se endurece, a nebulosa de fogo que se esfria em terra.

Vou criar o que me aconteceu. Só porque viver não é relatável. Viver não é vivível. Eu vou ter que criar sobre a vida. E sem mentir. Criar, sim, mentir não. Criar não é imaginação, é correr o grande risco de se ter a realidade. Entender é uma criação, meu único modo. Eu vou precisar com esforço traduzir sinais de telégrafo, traduzir, e sem sequer entender para que valem os sinais. E falar nessa linguagem sonâmbula que se eu estivesse acordada não seria linguagem.

Os sinais de telégrafo. O mundo eriçado de antenas, e eu captando o sinal. Essa coisa sobrenatural que é viver. O viver que eu havia domesticado para torná-lo familiar.

Cena Dois – O Quarto da Empregada

Naquela manhã, antes de entrar no quarto da empregada, o que é que eu era? Era o que os outros sempre me haviam visto ser, e assim eu me conhecia. Pouco a pouco eu havia me transformado na pessoa que tem o meu nome. E acabei sendo o meu nome. É suficiente ver no couro das minhas valises as iniciais G. H., e pronto! Também dos outros eu não exigia mais que isso. Além do mais a psicologia nunca me interessou. Ter feito escultura durante um tempo, também me dava um passado e um presente, o que fazia com que os outros se situassem.

Foi ontem. Eram quase dez horas da manhã, e há muito tempo meu apartamento não me pertencia tanto. No dia anterior, a empregada se despedira. Da mesa onde me demorei porque tinha tempo, eu olhava em torno enquanto meus dedos arredondavam o miolo do pão. O mundo era um lugar. Que me servia para viver: no mundo eu podia ficar ali colando uma bolinha de miolo na outra, e assim com prazer ir formando uma pirâmide. Não ter empregada, ia me dar o tipo de atividade que eu queria: o de arrumar. Sempre gostei de arrumar, suponho que esta seja a minha única vocação. Ordenando as coisas, eu crio e entendo ao mesmo tempo. Na semana passada eu me diverti demais, freqüentei demais, tive por demais de tudo o que quis, e desejava agora aquele dia exatamente como ontem ele se prometia: pesado e bom e vazio. O prazer de arrumar a casa me era tão grande, que ainda sentada, eu já começara a ter prazer no mero planejar. Começaria pelo fim do apartamento: o quarto da empregada devia estar imundo, cheio de trapos, malas velhas, jornais antigos e papeis de embrulho.

Levantei-me enfim da mesa do café, essa mulher... e atravessei a cozinha que dá para a área de serviço. Ali, na área, me encostei à murada para acabar de fumar. Olhei pra baixo: treze andares caiam do edifício. Eu não sabia que tudo aquilo já fazia parte do que ia acontecer. O bojo do edifício era como uma usina. A miniatura da grandeza de um panorama de gargantas e canyons. Eu olhava a vista, como se estivesse no pico de uma montanha, com o mesmo olhar inexpressivo de minhas fotografias. Eu via o que aquilo dizia: aquilo não dizia nada. E eu recebia com atenção esse nada. Aquilo tudo era de uma riqueza inanimada que lembrava a da natureza: também ali, porque não? também ali poder-se-ia pesquisar urânio e dali poderia jorrar petróleo.

Joguei o cigarro aceso para baixo, e recuei, esperando que nenhum vizinho me associasse ao gesto proibido pela portaria. Depois, com cuidado, avancei apenas a cabeça e olhei: não podia adivinhar sequer onde o cigarro caíra, o despenhadeiro o engolira em silêncio. Depois me dirigi ao corredor escuro que finaliza o apartamento, onde na sombra, duas portas se defrontam: a da saída de serviço e a do quarto de empregada.

Abri a porta. Há cerca de seis meses – o tempo que ela ficara comigo – eu não entrava ali. Esperava encontrar escuridões, me preparara para ter que abrir a janela e limpar com ar fresco o escuro mofado. O que eu não contara é que ela, sem me dizer nada, tivesse arrumado o quarto à sua maneira, e numa ousadia de proprietária o tivesse espoliado de sua função de depósito. Em vez da penumbra confusa, esbarrei na visão de um quarto que era um quadrilátero de branca luz. (ELA FRANZE OS OLHOS, E TENTA PROTEGÊ-LOS COM UMA DAS MÃOS) Dois dos seus ângulos eram ligeiramente mais abertos, e embora fosse essa a sua realidade material, ela me vinha como se fosse minha visão que o deformasse. Durante seis meses o sol permanente havia empenado o guarda roupa de pinho, e desnudava em mais branco ainda as paredes caiadas. E foi numa delas que vi o inesperado mural. Na parede contígua à porta – e por isso eu ainda não tinha visto – estava desenhado, quase em tamanho natural, o contorno a carvão de um homem nu, de uma mulher nua, e de um cão, que era mais nu do que um cão. Nos corpos não estava desenhado o que a nudez revela, a nudez vinha apenas da ausência de tudo o que cobre. Eram os contornos de uma nudez vazia. O traço era grosso, feito de ponta quebrada de carvão.

E eu sorri... constrangida. Eu estava procurando sorrir. A lembrança da empregada ausente me coagia. Quis me lembrar de seu rosto e não consegui – de tal modo ela acabara de me excluir de minha própria casa – e olhando aquele desenho, de repente me ocorria que ela me odiara. O tempo todo, me odiara! De súbito, deixei vir a mim uma sensação que durante aqueles seis meses, por negligência ou desinteresse, eu não me deixara ter: a do silencioso ódio daquela mulher. O que me surpreendia é que era uma espécie de ódio isento, o pior ódio: o

indiferente. Não um ódio que me individualizasse mas apenas a falta de misericórdia.

Havia anos que eu só era julgada pelos meus pares e pelo meu próprio ambiente, que em suma, eram feitos de mim e para mim mesma. A empregada, Janair, era a primeira pessoa realmente exterior de cujo olhar eu tomava consciência. Eu me perguntei também se na verdade não fora eu... se não fora eu, que sem sequer a ter olhado, a odiara daquela forma.

Eu hesitava à porta. A simplicidade do aposento me desnorteava: na verdade eu não saberia sequer por onde começar, ou mesmo se havia o que arrumar. O quarto me incomodava fisicamente como se no ar tivesse permanecido o som do riscar do carvão na cal seca. O som inaudível do quarto era como o de uma agulha rodando no disco quando a faixa de música já acabou. Um chiado neutro de coisa era o que fazia a matéria do seu silêncio. Carvão e unha se juntando, carvão e unha, tranqüila e compacta raiva daquela mulher que era a representante de um silêncio, como se ela representasse um país estrangeiro, a rainha africana. E que ali dentro de minha casa se alojara, a estrangeira, a inimiga indiferente.

Hoje mesmo aquilo tudo teria que ser modificado. (DE FORMA INCONCLUSA VAI INDICANDO AS AÇÕES QUE PRETENDE EXECUTAR) A primeira coisa que eu faria seria arrastar para o corredor as poucas coisas de dentro. E então jogaria no quarto vazio baldes e baldes de água. E depois, depois eu cobriria aquele colchão de palha com um de meus próprios lençóis que tem minhas iniciais bordadas, um lençol lavado, mole, limpo... Mas antes rasparia da parede o carvão, desincrustando a faca o cachorro, apagando a palma exposta das mãos do homem, destruindo a cabeça pequena demais para o corpo daquela mulherona nua. E jogaria água e água que escorreria em rios pelo raspado da parede. Eu queria matar alguma coisa ali. Como te explicar? Eis que de repente aquele mundo inteiro que eu era, crispava-se de cansaço, e eu não suportava mais carregar nos ombros – o quê?... O que, Santo Deus? Não suportava carregar o quê?

Eu ainda não sabia que já estava havendo os primeiros sinais em mim do desabamento de cavernas subterrâneas, que ruíam sob o peso de camadas arqueológicas estratificadas – e o peso do primeiro desabamento abaixava os cantos de minha boca, e me deixava de braços caídos. Eu olhava com repulsa e desalento. É que apesar de já ter entrado no quarto, eu parecia ter entrado em nada. Mesmo dentro dele, eu continuava de algum modo do lado de fora. Como se ele não tivesse bastante profundidade para me caber e deixasse pedaços meus no corredor, na maior repulsão de que eu já fora vítima: eu não cabia. E eu não sabia por onde começar a arrumar. O quarto não tinha um ponto que se pudesse chamar de começo, e nem um ponto que pudesse ser considerado o fim. Era de um igual que o tornava indelimitado. Eu esqueci o roteiro de arrumação que eu traçara, e procurei me apossar um pouco mais daquele... daquele enorme vazio.

Cena Três – A Barata

Abri um pouco a porta do guarda-roupa e o escuro de dentro escapou-se como um bafo. Tentei abrir um pouco mais, mas a porta ficou presa pelo pé da cama onde esbarrava. Dentro da brecha eu pus o quanto cabia do meu rosto, e como o escuro de dentro me espiasse, ficamos assim, um instante, nos espiando sem nos vermos. Eu não conseguia ver nada, só sentir o cheiro quente e seco como o de uma galinha viva. Empurrei a cama mais pra perto da janela, e consegui abrir a porta uns centímetros a mais.

Então, antes de entender, meu coração embranqueceu como cabelos embranquecem. De encontro ao rosto que eu pusera dentro da abertura, bem próximo de meus olhos, na meia escuridão, movera-se a barata grossa. Meu grito foi tão abafado, que só pelo silêncio contrastante percebi que não havia gritado. O grito ficara me batendo dentro do peito.

Nada, não foi nada! procurei me apaziguar. Eu não esperava que numa casa minuciosamente desinfetada contra o meu nojo por baratas, aquele quarto tivesse escapado. Não fora eu quem repelira o quarto, como havia sentido à porta. O quarto, com sua barata secreta, é que me repelira. E agora eu entendia que a barata e Janair, a empregada, eram os verdadeiros habitantes daquele lugar. Não, eu não arrumaria nada – se havia baratas, não. A nova empregada que dedicasse seu primeiro dia de serviço a... a... (ELA PENSA EM SAIR) Ao tentar a saída, tropecei entre o pé da cama e o guarda-roupa – e foi o que me revelou que eu estava com medo. Aquelas figuras de mão espalmada eram vigias à entrada de um... sarcófago. Do sarcófago, sim! E me ocorreu que eram "eles", eles, os do sarcófago que me impediam de sair. Para conseguir, eu teria que fechar a porta! Minha mão rápida quis mover-se para fechá-la e abrir caminho – mas recuou de novo.

É que lá dentro a barata se movera. Fiquei quieta. Eu tinha agora uma sensação de irremediável. Eu sabia que tinha de admitir o perigo em que eu estava, mesmo consciente de que era loucura acreditar num perigo inexistente. Mas eu tinha que acreditar em mim – a vida toda eu estivera como todo mundo em perigo – mas agora para poder sair, eu tinha a responsabilidade alucinada de ter de saber disso.

Eu recuara o dorso para trás como, se mesmo na sua extrema lentidão, a barata pudesse dar um bote – eu já havia visto baratas que de súbito voam, a fauna alada. Fiquei imóvel, calculando, atenta, eu estava toda atenta. Em mim um sentimento de grande espera havia crescido, e uma resignação: É que nesta espera atenta eu reconhecia todas as minhas esperas anteriores, eu reconhecia a atenção de que também antes vivera, a atenção que nunca me abandona e que em última análise talvez seja a coisa mais colada à minha vida – quem sabe aquela atenção não era a minha própria vida?

Foi então que a barata começou a emergir do fundo. Antes o tremor anunciante das antenas. Depois, atrás dos fios secos, o corpo relutante foi aparecendo. Até chegar quase toda à tona da abertura do armário. Era parda, era hesitante como se fosse enorme de peso. Estava agora quase toda visível. Abaixei os olhos, tentando esconder da barata a astúcia que me tomara – o coração me batia quase como numa alegria. O medo me aprofundava toda. Voltada para dentro de mim, como um cego ausculta a própria atenção, eu estremeci de extremo gozo, atentando à grandeza de um instinto que era ruim, total e infinitamente doce – como se enfim eu experimentasse, e em mim mesma, uma grandeza maior que eu. Eu me embriagava pela primeira vez de um ódio límpido, e me embriagava com o desejo, justificado ou não, de matar.

Toda uma vida de atenção – há quinze séculos eu não lutava, há quinze séculos eu não matava, há quinze séculos eu não morria – toda uma vida de atenção acuada reunia-se agora em mim e batia como um sino mudo cujas vibrações eu não precisava ouvir, eu as reconhecia. Como se pela primeira vez enfim eu estivesse ao nível da Natureza. Sem nenhum pudor, comovida com minha entrega, sem nenhum pudor, comovida, grata, pela primeira vez eu estava sendo a desconhecida que eu era – só que desconhecer-me não me impediria mais, a verdade já me ultrapassara: levantei a mão como para um juramento, e num só golpe fechei a porta sobre o corpo meio emergido da barata.

Com os olhos fechados eu tremia de júbilo. Ter matado era tão maior que eu, era da altura daquele quarto indelimitado. Ter matado abria a secura das areias do quarto até a umidade, enfim, como se eu tivesse cavado e cavado com dedos duros e ávidos até encontrar em mim um fio bebível de vida que era o de uma morte.

Abri devagar os olhos, em doçura agora, em gratidão e timidez, num pudor de glória. E vi a metade do corpo da barata para fora da porta. Mas viva!

Hesitei em compreender, foi só aos poucos que percebi que eu não havia empurrado a porta com bastante força. Havia prendido, sim, a barata, mas ela continuava viva. Faltava ainda,

então, um golpe final. Ergui a mão bem alto como se meu corpo todo, junto com o golpe do braço, também fosse cair em peso sobre a porta do guarda-roupa. Mas foi então... foi então que vi a cara da barata.

Era uma cara sem contorno. As antenas saiam em bigodes dos lados da boca. A boca marrom era bem delineada. Os finos e longos bigodes mexiam-se lentos e secos. Seus olhos pretos facetados olhavam. Era uma barata tão velha como um peixe fossilizado. Era uma barata tão velha como salamandras e quimeras e grifos e leviatãs. Ela era antiga como uma lenda. Olhei a boca: lá estava a boca real. Eu nunca tinha visto a boca de uma barata. Eu na verdade, eu nunca tinha mesmo visto uma barata. Só tivera repugnância pela sua antiga e sempre presente existência – Mas nunca a defrontara, nem mesmo em pensamento. E eis que eu descobria que, apesar de compacta, ela é formada de cascas e cascas pardas, finas como as de uma cebola, como se cada uma pudesse ser levantada pela unha, e no entanto sempre aparece mais uma casca, e mais uma. Talvez as cascas fossem as asas, mas então ela devia ser feita de camadas e camadas finas de asas comprimidas até formar aquele corpo compacto. Olhei-a com aquela sua boca e seus olhos: parecia uma mulata à morte. Mas os olhos eram radiosos e negros. Olhos de noiva. Cada olho em si mesmo parecia uma barata. O olho franjado, escuro, vivo e desempoeirado. E o outro olho igual. Duas baratas incrustadas na barata, e cada olho reproduzia a barata inteira.

Ali estava eu boquiaberta diante do ser empoeirado que me olhava – e o que eu via com um constrangimento tão penoso e tão espantado e tão inocente, o que eu via era a VIDA me olhando. Como chamar de outro modo aquilo horrível e cru, matéria prima e plasma seco, que ali estava, enquanto eu recuava para dentro de mim em náusea seca, eu caindo séculos e séculos, dentro de uma lama – era lama, e nem sequer lama já seca, mas lama ainda úmida e ainda viva, era uma lama onde se remexiam com lentidão insuportável as raízes de minha identidade. Era isso? – era isso, então! É que na barata viva eu descobrira a identidade de minha vida mais profunda.

Eu senti com susto e nojo que "eu ser" vem de uma fonte muito anterior à humana, e com horror, muito maior que a humana. Abriu-se em mim, com uma lentidão de portas de pedra, abriu-se em mim a larga vida do silêncio, a mesma que está no sol parado, a mesma que está na barata. E que será a mesma em mim! Se eu tiver coragem de abandonar... abandonar meus sentimentos? Se eu tiver coragem de abandonar a esperança.

– Perdoa eu te contar tudo isso, mas eu não quero isso pra mim, eu não quero ser uma pessoa viva! Tenho nojo e maravilhamento por mim, lama grossa lentamente brotando.

Eu sei, os regulamentos e as leis, é preciso não esquecê-los, é preciso não esquecer que sem regulamentos e leis também não haverá a ordem, é preciso não esquecer e defendê-los sempre, para nos defender e para nos proteger. Mas é que eu já não podia mais me amarrar. A primeira ligação já se tinha partido, e eu me despregava da lei, e mesmo intuindo que eu iria entrar no inferno da matéria viva – eu tinha que ir. Eu tinha que cair na danação de minha alma. A curiosidade me consumia...

Então abri de uma só vez os olhos! E vi em cheio a vastidão indelimitada do quarto, aquele quarto que vibrava em silêncio, laboratório do inferno.

Cena Quatro – O Quarto Desconhecido

O quarto, o quarto desconhecido. Minha entrada nele se fizera, enfim. A entrada só tinha uma passagem e estreita: pela barata. A barata que enchia de vibração enfim aberta, as vibrações de seus guizos de cascavel no deserto. Através dela, eu chegara à profunda incisão na parede que era aquele quarto – e a fenda formava um amplo salão natural. Nu, como preparado para a entrada de uma só pessoa. E na minha grande dilatação, eu estava no deserto. Como

te explicar? Eu estava no deserto como nunca estive. Era um deserto que me chamava como um cântico monótono e remoto chama. Eu estava sendo seduzida. E ia para essa loucura promissora. E eu sinto que estou indo. Estou de novo indo para a mais primária vida divina, estou indo para um inferno de vida crua... Eu sinto que tudo isso é antigo e amplo, sinto no hieróglifo da barata lenta a grafia do Extremo Oriente. E nesse deserto de grandes seduções, as criaturas: eu e a barata viva.

A vida, meu amor, é uma grande sedução onde tudo o que existe se seduz. Aquele quarto que estava deserto e por isso primariamente vivo. Eu chegara ao nada, e o nada era vivo... e úmido.

Foi então – foi então que lentamente como de uma bisnaga foi saindo lenta a matéria da barata que fora esmagada. A matéria era o seu de dentro, a matéria grossa esbranquiçada, lenta, crescia para fora como de uma bisnaga de pasta de dentes. Diante de meus olhos enojados e seduzidos, a forma da barata ia se modificando à medida que ela engrossava para fora.

Grite! Grite! me ordenei quieta. Grite! repeti inutilmente... Mas se eu gritasse uma só vez que fosse talvez nunca mais pudesse parar. Se eu gritasse ninguém poderia fazer mais nada por mim... Enquanto se eu nunca revelar a minha carência ninguém se assustará comigo e me ajudarão sem saber. Mas só enquanto eu não assustar ninguém por ter saído dos regulamentos. Mas se souberem, se assustam, nós que guardamos o grito em segredo inviolável. Se eu der o grito de alarme de estar viva, em mudez e dureza me arrastarão, pois arrastam os que saem para fora do mundo possível, o ser excepcional é arrastado, o ser gritante. Tudo se resume ferozmente em nunca dar um primeiro grito – um primeiro grito desencadeia todos os outros, o primeiro grito ao nascer desencadeia uma vida, se eu gritasse acordaria milhares de seres gritantes que iniciariam pelos telhados um coro de gritos e horror. Se eu gritasse desencadearia a existência – a existência de quê? A existência do mundo.

É que eu, numa experiência que não quero nunca mais, numa experiência pela qual peço perdão a mim mesma, eu estava saindo do MEU mundo e entrando NO MUNDO. Eu não estava mais me vendo, estava era VENDO. Toda uma civilização que se havia erguido, tendo como garantia que se misture imediatamente o que se vê com o que se sente, toda uma civilização que tem como alicerce o salvar-se..., dessa civilização só pode sair quem tem como função especial a de sair: a um cientista é dada a licença, a um padre é dada a permissão. Mas não a uma mulher que nem sequer tem as garantias de um título.

E eu fugia, eu queria fugir, com mal estar eu fugia.

Se você soubesse da solidão desses meus primeiros passos. Não se parecia com a solidão de uma pessoa. Era como se eu já tivesse morrido e desse sozinha os primeiros passos em outra vida. E era como se a essa solidão chamassem de glória, e também eu sabia que era uma glória, e tremia toda nessa glória divina primária que, não só eu não compreendia, como profundamente não queria, porque eu sabia que estava entrando na bruta e crua glória da natureza. Seduzida, eu no entanto lutava como podia contra as areias movediças que me sorviam: mas cada movimento que eu fazia para "não, não!", cada movimento mais me empurrava sem remédio... Não ter forças para lutar era meu único perdão.

Dentro de mim eu já recuara tanto que minha alma se encostara na parede – sem poder me impedir, sem querer mais fugir, fascinada pela certeza do imã que me atraia, eu recuei dentro de mim até a parede onde eu me descobri incrustada no desenho daquela mulher. Eu recuara até a medula de meus ossos, meu último reduto. Onde, na parede, eu estava tão nua que não fazia sombra. E as medidas, as medidas ainda eram as mesmas, eu senti que eram, eu sabia que nunca passara daquela mulher na parede, eu era ela. O que me aliviava como a uma sede, enfim o corpo, embebido de silêncio, se apaziguava, e o alívio vinha de eu caber no

desenho mudo da caverna. Tão dentro dele como num desenho há trezentos mil anos numa caverna.

E eis que eu cabia dentro de mim, eis que eu estava em mim mesma gravada na parede. A passagem estreita fora pela barata difícil. E terminara também eu, toda imunda, por desembocar através dela para o meu passado que era o meu contínuo presente e o meu futuro contínuo – e que hoje e sempre está na parede, e meus quinze milhões de filhas, desde então até eu, também lá estavam.

E eu compreendi que minha vida sempre fora tão continua quanto a morte. A vida é tão contínua que nós a dividimos em etapas, e a uma delas chamamos morte. Eu sempre estivera em vida, pouco importa que não eu propriamente dita, não isso a que convencionei chamar de eu. Sempre estive em vida. Eu corpo neutro de barata, eu com uma vida que finalmente não me escapa pois enfim a vejo fora de mim – eu sou a barata, eu sou minha perna, e sou meus cabelos, e sou o trecho de luz mais branca no reboco da parede – sou cada pedaço infernal de mim – a vida em mim é tão insistente que se me partirem, como a uma lagartixa, os pedaços continuarão estremecendo e se mexendo. Sou o silêncio gravado a parede, e a borboleta mais antiga esvoaça e me defronta: a mesma de sempre. De nascer até morrer é o que eu me chamo de humana, e nunca propriamente morrerei.

A parte coisa, matéria do Deus, é forte demais e tinha estado esperando para me reivindicar. Ela pode solapar uma vida: se não lhe for dada a força dela mesma, então ela rebenta como um dique rebenta – e vem pura, sem mistura nenhuma: puramente neutra. A vida estava se vingando de mim, e a vingança consistia apenas em voltar, nada mais.

Mas isso não é a eternidade, é a danação! (ELA QUE TINHA SE ENCOSTADO NA FIGURA DA MULHER, SE AFASTA)

Santa Maria, Mãe de Deus, eu ofereço a minha vida em troca de não ser verdade aquele momento de ontem. A barata com a matéria branca me olhava. Não sei se ela me via, não sei o que uma barata vê. Mas ela e eu nos olhávamos, e também não sei o que uma mulher vê. Mas se seus olhos não me viam, a existência dela me existia – no mundo primário onde eu entrara, os seres existem os outros como modo de se verem. E nesse mundo que eu estava conhecendo, há vários modos que significam ver: um olhar o outro sem vê-lo, um possuir o outro, um comer o outro, um apenas estar num canto e o outro estar ali também: tudo isso também significa ver. A barata não me via diretamente, ela estava comigo. A barata não me via com os olhos mas com o corpo.

— Nunca, até então a vida me havia acontecido de dia. só nas minhas noites é que o mundo se revolvia lentamente. Só que, aquilo que acontecia no escuro da noite, também me acontecia ao mesmo tempo nas minhas próprias entranhas, e o meu escuro não se diferenciava do escuro de fora, e de manhã, ao abrir os olhos, o mundo continuava sendo uma superfície: a vida secreta da noite em breve se reduzia na boca ao gosto de um pesadelo que some. Mas agora a vida estava acontecendo de dia. Inegável e para ser vista. A menos que eu desviasse os olhos. E eu ainda poderia desviar os olhos.

— Mas é que o inferno já me tomara, meu amor, o inferno da curiosidade malsã. Eu já estava vendendo a minha alma humana, porque ver já começara a me consumir em prazer, eu vendia o meu futuro, eu vendia a minha salvação, eu nos vendia.

Eu nunca havia experimentado esse choque com o momento chamado "já". Hoje me exige hoje mesmo. Eu nunca soubera antes que a hora de viver também não tem palavra. A hora de viver que é um ininterrupto lento rangido de portas que se abrem continuamente de par em par e nunca param de se abrir...

E finalmente, meu amor, sucumbi. E tornou-se um agora. Era finalmente agora. Era simplesmente agora. Era assim: o país estava em onze horas da manhã. Superficialmente como um quintal que é verde, da mais delicada superficialidade. Verde, verde – verde é um

quintal. Entre mim e o verde, a água do ar. A verde água do ar. Vejo tudo através de um copo cheio. Nada se ouve. No resto da casa, a sombra está toda inchada. A superficialidade madura. São onze horas da manhã no Brasil. É agora. Trata-se exatamente de agora. Agora é o tempo inchado até os limites. Onze horas não tem profundidade. Onze horas está cheio das onze horas até as bordas do copo verde. O tempo freme como um balão parado. O ar fertilizado e arfante. Até que num hino nacional a badalada das onze e meia corte as amarras do balão. E de repente nós todos chegaremos ao meio dia. Que será verde como agora.

Acordei de repente e não compreendi onde tinha ido parar o oásis verde onde por um momento eu me refugiara toda plena. Agora eu estava no deserto, de vez. E não é só no ápice de um oásis que é agora: agora também é no deserto, e pleno. Era já. Pela primeira vez na minha vida tratava-se plenamente de agora. E esta é a maior brutalidade, pois a atualidade não tem esperança e a atualidade não tem futuro: o futuro será exatamente de novo uma atualidade. (ENQUANTO DIZ ESTE ULTIMO TRECHO, A LUZ DA PLATÉIA SE ACENDE AOS POUCOS, TERMINANDO POR REVELAR O PÚBLICO DIANTE DELA, QUANDO ELA DIZ:) Era assim. Era já. (A LUZ CAI PARA QUE A NOVA CENA SE INICIE.)

Cena Cinco – No Seio da Natureza

Mas eu queria aquilo, mesmo sem compreender... eu queria! E eu quero o tempo presente que não tem promessa, que é, que está sendo. Este é o núcleo do que eu quero e temo. Este é o núcleo que eu jamais quis.

Eu senti que meu passo mal-assombrado era irremediável e que eu estava pouco a pouco abandonando a minha salvação humana. E eu sei, eu sabia, que se atravessasse os portões que estão sempre abertos, entraria... no seio da natureza. Eu senti que tinha que desistir de tudo, de tudo o que deixara atrás dos portões. E talvez eu já soubesse que, a partir dali, não haveria mais diferença entre mim e a barata. Nem aos meus próprios olhos nem aos olhos do que é Deus. Eu sabia que entrar não é pecado, mas é arriscado como morrer. Sentia que o meu de dentro, apesar de matéria fofa e branca, tinha no entanto a força de rebentar meu rosto de prata e beleza, adeus beleza do mundo. Pois o que eu estava vendo era ainda anterior ao humano. E dei meus primeiros passos no nada, abandonando minha vida e indo em direção à... Vida.

A vibração do calor era como a de um oratório cantado, só minha parte auricular sentia... Cântico de boca fechada, som vibrando surdo como o que está preso e contido, amém, amém, amém. Aquele oratório que não era prece, ele não pedia nada. Era um cântico de ação de graças pelo assassinato de um ser por outro ser. Olhei pra cima, pro teto, e descobri que com o jogo de feixes de luz, ele se arredondara e se transformara numa abóbada. E a vastidão dentro do pequeno quarto foi aumentando, o mudo oratório o alargava em vibrações até a rachadura do teto. E era com alegria infernal que eu como que ia... morrer.

Não posso fazer nada por você, barata. Não quero fazer nada por você! Não vou fazer nada por ti, também eu ando de rojo. Não vou fazer nada por ti porque não sei mais o sentido de amor como antes eu pensava que sabia... também disso estou me despedindo, já quase não sei mais o que é, já não me lembro! Não sei mais o sentido. Eu, que chamava de amor a minha esperança de amor. Talvez eu ache um outro nome, tão mais cruel a princípio, e tão mais ele-mesmo. Ou talvez não ache.

Por um instante, então senti uma espécie de abalada felicidade por todo o corpo, um horrível mal estar feliz em que as pernas me pareciam sumir, como sempre em que eram tocadas as raízes de minha identidade desconhecida. Eu já não queria fazer nada pela barata e fui me libertando de minha moralidade – embora isso me desse medo, e curiosidade também, e fascínio,... e medo, muito medo. Se ela não estives-

se presa e fosse maior que eu, com neutro prazer ocupado ela me mataria. Assim como o violento neutro de sua vida admitia que eu, por não estar presa e por ser maior que ela, que eu a matasse. Essa era a espécie de tranqüila ferocidade neutra do deserto onde estávamos. Eu estava ali, quieta, e sabendo o que é precisar, um precisar novo e sem nenhuma piedade pelo meu precisar e sem piedade pelo precisar da barata.

A barata me tocava toda com seu olhar negro, facetado e brilhante. E agora eu começava a deixá-la me tocar. Na verdade, eu sempre lutei, a vida toda, contra o profundo desejo de me deixar ser tocada – e lutava porque não conseguia me permitir a morte daquilo que eu chamava de bondade. Mas agora eu não queria mais lutar. Tinha que existir uma bondade tão outra que não se pareceria com bondade. Eu não queria mais lutar. Com nojo, com desespero, com coragem, eu cedia. Ficara tarde demais, e agora eu queria.

Pensei que se o telefone tocasse, eu precisaria atender e estaria salva. Mas me lembrei... como se fosse a lembrança de um mundo extinto, me lembrei que havia desligado o telefone. Tive o desejo de me refugiar no argumento de que meus ombros eram de mulher... Mas eu bem sabia que não é só a mulher, qualquer um tem medo de ver o que é Deus. Eu tinha medo da face de Deus, eu tinha medo de minha nudez final na parede.

(A LUZ REALÇA A FIGURA DO HOMEM NA PAREDE:) – Há muito, muito tempo, fui desenhada contigo numa caverna, e contigo nadei de suas profundezas escuras até hoje – eu era o petróleo que só hoje jorrou, quando uma negra africana me desenhou na minha casa, me fazendo brotar de uma parede, sonâmbula como o petróleo que enfim jorra. E me lembrei quando beijara teu rosto de homem, devagar, devagar beijara, e quando chegara o momento de beijar teus olhos – senti sal em minha boca, o sal de lágrimas. E no fundo do fundo do sal, tua substância insossa e inocente e infantil. Ao meu beijo tua vida mais profundamente insípida me foi dada.

E através dessa lembrança, a estranheza do quarto se tornou reconhecível, como matéria já vivida. Eu reconheci a familiaridade de tudo. As figuras na parede, eu as reconheci com um novo modo de olhar, e também reconheci a vigília da barata. A vigília dela era vida vivendo, vida vivendo, a minha própria vida vigilante se vivendo. Eu não poderia mais me escusar alegando que não conhecia a lei – pois conhecer-se e conhecer ao mundo é a lei, que mesmo inalcançável, não pode ser infringida, e ninguém pode escusar-se dizendo que não a conhece. Pior: a barata e eu não estávamos diante de uma lei a que devíamos obediência: nós duas, nós éramos a própria lei ignorada a que obedecíamos. O pecado renovadamente original é este: tenho que cumprir a minha lei que ignoro, e se eu não cumprir a minha ignorância, estarei pecando originalmente contra a vida.

De vez em quando, por um leve átimo, a barata mexia as antenas. E os seus olhos continuavam monotonamente a me olhar, os dois ovários neutros e férteis.

— Mãe, eu só fiz querer matar, mas olha só o que eu quebrei: quebrei um invólucro! Matar também é proibido porque se quebra o invólucro duro e fica-se com a vida pastosa. De dentro do invólucro está saindo um coração grosso e branco e vivo como pus, mãe, bendita sois entre as baratas, agora e na hora desta tua... minha morte.

(ELA SE DIRIGE AO PÚBLICO) Eu sei, eu sei, é ruim, é ruim ficar sem ar nessa mina desabada para onde eu te trouxe sem piedade por ti – mas juro que eu vou te tirar ainda vivo daqui – nem que eu minta, nem que eu minta o que meus olhos viram. Não procura me entender, faz-me apenas companhia. Ontem eu só rezava para poder pelo menos escapar viva. E não apenas viva – como estava apenas viva aquela barata primariamente monstruosa – mas organizadamente viva como uma pessoa.

Então uma nuvem cobriu o sol e vi o mesmo quarto, não escuro, mas apenas sem luz. Então percebi que ele existia por si mesmo, que ele não era o calor do sol. O quarto era em si

mesmo. E ele era a alta monotonia de uma eternidade que respira. E isso amedronta, o mundo só não amedronta quando a gente passa a ser o mundo. Quem é o mundo, não tem mais medo... Se a gente é o mundo, acaba sendo movida por um delicado radar que guia.

A nuvem passou e o sol no quarto ficou ainda mais branco e de súbito, a vibração intensa do oratório parou! O meu medo era agora diferente: não o medo de quem ainda vai entrar, mas o medo tão mais largo de quem já entrou. Medo da minha falta de medo

Para escapar da vida, há muito que eu havia abandonado o ser pela persona, a máscara humana. Ao me ter humanizado, eu me havia livrado do deserto. Me havia livrado, sim, mas... também o perdera. E perdera também as florestas e perdera o ar, e perdera o embrião dentro de mim.

— Me dá a tua mão, porque não sei mais do que estou falando. Acho que inventei tudo, nada disso existiu!... Mas se inventei o que ontem me aconteceu – quem me garante que também não inventei toda minha vida anterior a ontem?

Cena Seis - O Neutro

Eu estou tentando te dizer como cheguei ao neutro e ao inexpressivo de mim. Não sei se estou entendendo o que falo, estou sentindo – e receio muito o sentir, pois sentir é apenas um dos estilos de ser. Estou tentando te contar como entrei no inexpressivo que sempre foi minha busca cega e secreta. De como entrei naquilo que existe entre o número um e o número dois, de como vi a linha de mistério e fogo, e que é linha sub-reptícia. Entre duas notas de música existe uma nota, entre dois fatos, existe um fato, entre dois grãos de areia, por mais juntos que estejam existe um intervalo de espaço, existe um sentir que é entre o sentir – nos interstícios da matéria primordial está a linha de mistério e fogo que é a respiração do mundo, e a respiração contínua do mundo é aquilo que ouvimos e chamamos de silêncio.

Não foi usando como instrumento nenhum de meus atributos que eu fui atingindo o misterioso fogo manso daquilo que é um plasma – foi exatamente tirando de mim todos os atributos e indo apenas com minhas entranhas vivas. E para entrar nessa coisa monstruosa que é essa neutralidade viva, eu tive que abandonar a minha organização humana. Meu único consolo era saber que mesmo que eu não pudesse mais sair, mesmo assim o plasma de Deus continuaria presente na minha vida.

O neutro, entende? O neutro. Estou falando do elemento vital que liga as coisas. Não, eu não receio que não compreendas, mas que eu me compreenda mal. Se eu não me compreender, morrerei daquilo de que no entanto vivo. O neutro é inexplicável e vivo, procura me entender, assim como o protoplasma e a proteína são de um neutro vivo, e eu me sentia incapaz de ser tão real quanto a realidade que estava me alcançando.

Porque eu estava sendo levada pelo demoníaco. Pois o inexpressivo é diabólico. Se a pessoa não estiver comprometida com a esperança, ela vive o demoníaco. Se a pessoa tiver a coragem de largar os sentimentos, descobre a ampla vida de um silêncio extremamente ocupado, o mesmo que existe na barata, o mesmo nos astros, o mesmo em si próprio – o demoníaco é ANTES do humano. E se a pessoa vê essa atualidade, ela se queima como se visse Deus. A vida pré-humana divina é de uma atualidade que queima.

Vou te dizer: é que eu estava com medo de uma certa alegria cega e já feroz que começava a me tomar. E a me perder. Eu estava experimentando naquele deserto o fogo das coisas. Eu estava vivendo da tessitura de que as coisas são feitas. E era um inferno aquele, porque naquele mundo onde eu estava não existe piedade nem esperança.

Eu entrara na orgia do sabá. Agora sei o que se faz no escuro das montanhas em noites de orgia. Eu sei! Eu sei com horror: gozam-se as

coisas. Frui-se a coisa de que são feitas as coisas – esta é a alegria crua da magia negra. Eu ia avançando e sentia a alegria do inferno. E o inferno não é a tortura da dor! É a tortura de uma alegria. Eu estava toda nova, como uma recém-iniciada. Era como se antes eu estivesse estado com o paladar viciado por sal e açúcar, e com a alma viciada por alegrias e dores – e nunca tivesse sentido o gosto primeiro. E agora sentia o gosto do nada. Velozmente eu me desviciava, e o gosto era novo, novo como o de leite materno que só tem gosto para boca de criança. E agora eu sei que sentir este gosto, este gosto, desse quase nada, é a alegria secreta dos deuses... e é a mais primeira alegria.

Cena Sete – O Império do Presente

O sol estava ainda mais branco e mais fervidamente parado, devia ser mais de meio dia. Procurei escancarar mais a janela já toda escancarada, eu procurava respirar. Olhei pela janela. E vi, com a falta de compromisso de quem não vai contar nem a si mesmo. Vi, como quem jamais precisará entender o que viu. Daquele quarto escavado na rocha de um edifício, eu via a perder-se de vista, a enorme extensão de telhados. Dali, eu contemplava o império do presente. Além das gargantas rochosas, a favela sobre o morro e uma cabra lentamente subindo. Mais além, os planaltos da Ásia Menor. Através das outras janelas e nos terraços de cimento, um vaivém de sombras e pessoas, os primeiros mercadores assírios. Reis, esfinges, e leões – eis a cidade onde vivo, e tudo extinto. Sobrei, presa por uma das pedras que desabaram.

Eu era talvez a primeira a pisar naquele castelo no ar. Há cinco milhões de anos talvez o último troglodita tivesse olhado deste mesmo ponto. Outrora deve ter existido aqui uma montanha, que depois de erosada se tornou uma área vazia onde depois de novo se tinham erguido outras cidades que por sua vez se tinham erosado. E o chão é hoje povoado por todas estas raças, as mais diversas. As mais diversas. As vezes meus olhos se cansavam do lago azul que talvez não passasse de um pedaço de céu e iam repousar no deserto nu e ardente, que pelo menos não tinha a dureza de uma cor.

Ah, eu quero voltar pra casa, eu pedi, eu quero voltar! Ali eu não teria nenhum momento de escuridão e lua, só o braseiro, o vento errante, e nem um cantil de água e nenhuma vasilha de comida. Mas quem sabe no fim de tudo eu não faria um achado? Quem sabe... um cálice de ouro? (QUASE EM SEGREDO, COMO SE FOSSE LOUCA) Pois era isso! Era isso! Eu estava procurando... um tesouro!

(AINDA EM SEGREDO E UM POUCO LOUCA) O Rio, uma cidade de ouro e pedra, cujos habitantes ao sol eram seiscentos mil mendigos. E o tesouro poderia estar numa das brechas do cascalho, mas qual, qual delas? Para encontrá-lo eu teria que escavar, cavocar, escavar muito. E precisaria de instrumentos – picaretas, pás, cento e cinqüenta pás, e também molinetes, mesmo que eu não soubesse propriamente o que era um, e também de vagões pesados com eixos de aço e de uma forja, sim, portátil, além de...de pregos...e barbantes. E para minha fome, eu contaria com tâmaras, tâmaras de dez milhões de palmeiras, além de amendoins e azeitonas.

Então me lembrei que os nômades chamam o Saara de – o país do medo, o Nada! E pensei no Mar Negro, e nos persas descendo pelos desfiladeiros, mas também nisso encontrei apenas as infinitas sucessões de séculos do mundo. Eu via a vastidão do deserto da Líbia, e diante dela eu já era capaz de ver ao longe Damasco, a mais velha cidade da terra.

(TOTALMENTE DELIRANTE E QUASE INFANTIL) O Sol está tanto no deserto da Líbia quanto ele está quente nele mesmo. E a terra é o sol, como é que não vi antes que a terra é o sol ?

E no deserto da Líbia, baratas e crocodilos... Eu só tenho nojo do rastejar de crocodilos porque não sou um crocodilo. Tenho horror do silêncio cheio de escamas, mas o nojo me é necessário assim como a poluição das águas é ne-

cessária para procriar-se o que está nas águas. O nojo me guia e me fecunda. Através do nojo, vejo uma noite na Galileia.

E então vai acontecer – numa rocha nua e seca do deserto da Líbia – vai acontecer o amor de duas baratas. Eu agora sei como é. Uma barata espera. Vejo o seu silêncio de coisa parda. E agora – agora estou vendo outra barata avançando em direção à rocha. Sobre a rocha, cujo dilúvio há milênios já secou, duas baratas secas. Uma é o silêncio da outra. Os matadores que se encontram: o mundo é extremamente recíproco. A vibração de um estrídulo inteiramente mudo na rocha, e nós que chegamos a hoje, ainda vibramos com ele. – Eu me prometo para um dia este mesmo silêncio, eu nos prometo o que aprendi agora. Só que para nós terá que ser de noite, pois somos seres úmidos e salgados, somos seres de água do mar e de lágrimas.

Eu juro, eu juro! Eu juro que é assim o amor. Eu sei só porque estive sentada ali e estava sabendo. Foi preciso a barata me doer tanto como se me arrancasssem as unhas – e então não suportei mais a tortura e confessei, e estou delatando. Se você puder saber através de mim, sem antes precisar ser torturado, sem antes ser bipartido pela porta de um guarda-roupa, sem antes ter quebrados os seus invólucros de medo que com o tempo vão secando em invólucros de pedra – se você puder...então aprende de mim, que tive que ficar toda exposta e perder todas as minhas malas com suas iniciais gravadas.

E agora olhando a barata eu já sabia. Eu estivera o tempo todo sem querer pensar no que já realmente pensara: que a barata é comível como uma lagosta, a barata é um crustáceo.

Me adivinha, me adivinha, porque faz frio, perder os invólucros de lagosta faz frio. Me esquenta com a sua adivinhação de mim, me compreende porque eu não estou me compreendendo, estou somente amando a barata. E é um amor infernal.

(DE NOVO, A LUZ ILUMINA A FIGURA DO HOMEM) Eu sei, eu sei que tens medo, que sempre tiveste medo do ritual. Nós dois sempre tivemos medo da minha solenidade e da tua. Pensávamos que era uma solenidade de forma. E sempre disfarçávamos o que sabíamos: que viver é sempre questão de vida e morte, daí a solenidade... Mas quando se foi torturada até se chegar a ser um núcleo... Quando a pessoa chega a ser o próprio núcleo, ela não tem mais divergências. Assim como para se ter o incenso o único meio é queimar o incenso, então ela é a solenidade de si própria e ela não tem mais medo de servir... O ritual não é mais exterior, o ritual é inerente. Mesmo a barata tem o seu ritual na sua célula. O ritual – acredita em mim porque acho que estou sabendo – o ritual é a marca de Deus. E cada filho já nasce com o seu. O único destino com que nascemos é o do ritual. Eu chamava "máscara" de mentira, e não era! Era a essencial máscara da solenidade. Para nos amarmos, tínhamos de por as máscaras! Os escaravelhos já nascem com a máscara com que se cumprirão. Pelo pecado original, nós... perdemos a nossa.

Olhei: a barata era um escaravelho! Ela toda era apenas a sua própria máscara. Através da sua profunda ausência de riso eu percebia a sua ferocidade de guerreiro. Ela era mansa, mas sua função era feroz. (HESITA) Eu sou mansa mas minha função de viver é feroz. Ah, o amor pré-humano me invade. Eu estou entendendo, eu estou entendendo. A forma de viver é um segredo tão secreto que é... o... rastejamento silencioso de um segredo.

Ah, se eu pudesse te transmitir a lembrança, só agora viva, do que nós dois já vivemos sem saber. É que, quando amávamos, eu não sabia que o amor estava acontecendo muito mais exatamente quando não havia o que chamávamos de amor. O neutro do amor, era isso o que nós vivíamos e desprezávamos. Estou falando é de quando não acontecia nada, e a esse nada nós chamávamos de intervalo. Mas como era esse intervalo? Era a enorme flor se abrindo, tudo inchado de si mesmo, minha visão toda grande e trêmula. O que eu olhava, logo se coagulava ao meu olhar e se tornava meu – mas não um coágulo permanente: se eu o apertasse nas mãos, ele se desmancharia de novo em san-

gue por entre os dedos. Nos intervalos nós pensávamos que estávamos descansando de um ser o outro. Mas na verdade era o grande prazer de um não ser o outro: pois assim cada um de nós tinha dois.

E eu vou te dizer o que eu nunca te disse antes, talvez seja isso o que está faltando: ter dito. Se eu não disse não foi por avareza de dizer, nem por minha mudez de barata que tem mais olhos do que boca. Se eu não disse é porque eu não sabia que sabia – mas agora eu sei. Vou te dizer que eu te amo. Eu sei que já te disse isso antes, e que também era verdade, mas é que só agora estou realmente dizendo. E estou precisando dizer antes que eu... (PÁRA, BRUSCA.) Não! Mas é a barata que vai morrer, não eu! Eu não preciso desta carta de condenado numa cela!

Então – então, pela porta da danação, eu entendi que meu reino é deste mundo. E isto eu entendi pelo lado do inferno em mim. Pois em mim mesma eu vi como é o inferno. O inferno é a boca que morde e come a carne viva que tem sangue, e quem é comido uiva com o regozijo no olho: o inferno é a dor como gozo da matéria e com o riso do gozo, as lágrimas escorrem de dor. E a lágrima que vem do riso de dor é o contrário da redenção. Eu via que o inferno era isso: a aceitação cruel da dor, a solene falta de piedade pelo próprio destino, amar mais o ritual de vida que a si próprio – esse era o inferno, onde quem comia a cara viva do outro espojava-se na alegria da dor. E não há punição! Eis o inferno! Não há punição. Pois no inferno fazemos o regozijo supremo do que seria a punição. No inferno, essa fé demoníaca de que eu não sou responsável... e que é a fé na orgia, pois nem meu corpo me delimita, porque a misericórdia não vem fazer com que o corpo me delimite.

(QUASE DEMONÍACA.) Será que é a isso que chamam de alma? (RI, DE PURO DESESPERO.) Viver a vida que não é mais a do próprio corpo – é a isto que chamam de alma impessoal? (EM ÊXTASE.) E ela me queima, minha alma impessoal me queima. A grandiosa indiferença de um astro é a alma da barata! O astro é a própria exorbitância do corpo da barata! (QUASE CÍNICA.) A barata e eu aspiramos a uma paz que não pode ser nossa – uma paz além do tamanho e do destino dela e meu. E porque minha alma é tão ilimitada, e porque ela está tão além de mim – é que sempre sou remota a mim mesma, inalcançável como um astro. Eu me contorço para conseguir alcançar o tempo atual que me rodeia, mas eu continuo remota em relação a este mesmo instante. O futuro, ai de mim, me é mais próximo que este mesmo instante já. (GARGALHA UM POUCO.)

Eu exultava. Eu estava conhecendo a violência do escuro alegre – eu estava feliz com o demônio, em pleno seio de uma indiferença que é quieta e alerta, e de um indiferente amor, de um indiferente sono acordado... Eu nunca mais repousaria: eu havia roubado o cavalo de caçada de um rei da alegria. Nunca mais repousarei: roubei o cavalo do rei do sabá. Se adormeço um instante, o eco do relincho me desperta. E é inútil não ir. No escuro da noite o resfolegar me arrepia. Finjo que durmo mas no silêncio, o ginete respira. Não diz nada, mas respira, espera e respira. Todos os dias será a mesma coisa: já ao entardecer começo a ficar melancólica e pensativa. Sei que o primeiro tambor na montanha fará a noite, sei que o terceiro já me terá envolvido na sua trovoada. E ao quinto tambor já estarei inconsciente na minha cobiça. Até que de madrugada, aos últimos tambores levíssimos me encontrarei sem saber como, junto a um regato, sem jamais saber o que fiz, ao lado da enorme e cansada cabeça do cavalo.

Cansada, cansada de que? Que fizemos nós, os que trotam no inferno da alegria? Há dois séculos que não vou. Da última vez que desci da sela enfeitada, era tão grande a minha tristeza humana que jurei que nunca mais. O trote porém continua, continua em mim. Converso, arrumo a casa, sorrio, mas sei que o trote está em mim. Sinto falta como quem morre. Não posso mais deixar de ir. E sei que de noite, quando ele me chamar, irei. Quero que ainda

uma vez o cavalo conduza o meu pensamento. De madrugada eu nos verei exaustos junto ao regato, sem saber que crimes cometemos até chegar a madrugada. Na minha boca e nas suas patas a marca do sangue. E o que foi que imolamos? (RI UM POUCO LOUCA E SÁDICA.) Ao roubar o cavalo tive que matar o Rei, (QUASE RI DE NOVO) e ao assassiná-lo roubei sua morte! E a alegria do assassinato me consome em prazer.

Eu ficara enganchada pelo prazer que me tornava apenas infernal. Eu era agora pior do que eu mesma. A tentação do prazer. A tentação é comer direto na fonte, é comer direto na lei. E o castigo é não querer mais parar e comer a si próprio, comer-se a si próprio que sou matéria igualmente comível. Provação. Agora entendo o que é. Provação: significa que a vida está me provando, mas significa que eu também estou provando. E provar pode se tornar numa sede cada vez mais insaciável. Eu queria comer a mim mesma, que também sou matéria viva do sabá.

Cena Oito - O Segredo do Mundo

Só a misericórdia do Deus poderia me livrar. Mas eu não compreendia o que Ele queria de mim, não compreendia! Ou será que Ele queria que eu fosse seu igual? E que a Ele me igualasse por um amor de que eu não era capaz? Um amor tão grande que seria... como se eu não fosse mais uma pessoa?

Espera por mim, eu vou te tirar do inferno a que desci. Ouve, ouve: pois do regozijo sem remissão, já estava nascendo em mim um soluço que mais parecia de alegria. Não era um soluço de dor, eu nunca o ouvira antes: era o de minha vida se partindo pra me procriar. E o que é que eu podia oferecer de mim? – eu, que estava sendo o deserto, eu, que o havia pedido e tido. Eu oferecia o soluço. Chorava enfim dentro de meu inferno. E no soluço, o Deus veio a mim, o Deus me ocupava toda agora. Eu ofereci meu inferno a Deus, e minha crueldade, meu amor, minha crueldade parou de súbito.

Naquelas areias do deserto eu estava começando a ser de uma delicadeza de primeira tímida oferenda, como a de uma flor. Oh, Deus, eu comecei a entender com enorme surpresa que minha orgia infernal era o próprio martírio humano. Como poderia eu ter adivinhado? Se não sabia que no sofrimento se ria? É que não sabia que se sofria assim. Então eu havia chamado de alegria o meu mais profundo sofrimento!?

O Inferno pelo qual eu passara – como te dizer? – fora o inferno que vem do amor. Ah, as pessoas põem a idéia de pecado em sexo. Mas como é inocente e infantil esse pecado, o inferno mesmo é o do amor. Amor é a experiência de um perigo maior – é a experiência da lama e da degradação e da alegria pior. Sexo é o susto de uma criança. Eu tivera que não dar valor humano à vida para poder entender a largueza, muito mais que humana, de Deus. Eu tinha arriscado minha alma, e exigido ver Deus, e agora estava como que diante Dele e não entendia... (ELA SE DESESPERA:)

— Me deram tudo, e olha só o que é tudo! é uma barata que é viva e que está a morte. Olha só o que é tudo: é um pedaço de coisa, é um pedaço de ferro, de saibro, de vidro. Olha pelo que lutei, para ter exatamente o que eu já tinha antes, rastejei até as portas se abrirem para mim, as portas do tesouro que eu procurava: e olha o que era o tesouro! Um pedaço de metal, um pedaço de cal de parede, um pedaço de matéria feita em barata.

(SE ACALMA EM PARTE, SE CONTROLA.) Desde a pré-história eu havia começado a minha marcha pelo deserto, e sem estrela pra me guiar, só a perdição me guiando, só o descaminho me guiando – até que, quase morta pelo êxtase do cansaço, iluminada de paixão, eu enfim encontrara o escrínio. E no escrínio, a faiscar de glória, o segredo escondido. O segredo mais remoto do mundo, opaco, mas me cegando com a irradiação de sua existência simples, ali, faiscando em glória que me doía nos olhos. Minha exaustão se prostrava aos pés do

pedaço de coisa, adorando infernalmente. O segredo da força era a força, o segredo do amor era o amor – e a jóia do mundo é um pedaço opaco de coisa. O segredo dos faraós. E por causa desse segredo eu quase dera a minha vida. Mais, muito mais: para ter esse segredo, que mesmo agora eu continuava a não entender, de novo eu daria a minha vida.

Eu arriscara o mundo em busca da pergunta que é posterior à resposta. Uma resposta que continuava secreta, mesmo ao ser revelada a pergunta a que ela correspondia. Eu não havia encontrado uma resposta humana ao enigma. Mas muito mais, oh, muito mais! Encontrara o próprio enigma. Viver a vida em vez de viver a própria vida, é proibido! Entrar na matéria divina, esse pecado tem uma punição irremediável... A tentação pode fazer com que não se passe para a outra margem... Ah, eu odeio, eu odeio o que consegui ver. Eu não quero esse mundo feito de coisa.

E porque não ficar dentro, sem tentar atravessar? Ficar dentro da coisa é a loucura. Não, eu não quero ficar dentro, senão minha humanização anterior que foi tão gradual, vai passar a não ter mais sentido! Espera por mim, eu sei que estou indo para alguma coisa que dói porque estou perdendo outras – mas espera que eu ainda continue um pouco. Disso tudo, quem sabe poderá nascer um nome ! Um nome sem palavra, mas que talvez enraíze a verdade na minha formação humana.

Ouve, por eu ter mergulhado no abismo é que estou começando a amar o abismo de que sou feita. A identidade pode se tornar perigosa por causa do intenso prazer que pode se tornar apenas prazer. Mas agora estou aceitando amar a coisa! E não é perigoso, juro que não é perigoso. Pois o estado de graça existe permanentemente: nós estamos sempre salvos. Todo mundo está em estado de graça. A pessoa só é fulminada pela doçura quando percebe que está em graça, sentir que se está em graça é que é o dom, e poucos arriscam a conhecer isso em si. Mas não há o perigo de perdição, agora eu sei: o estado de graça é inerente.

Escuta. Eu estava habituada somente a transcender. Esperança para mim era adiamento. Eu nunca havia deixado minha alma livre e me havia organizado depressa em pessoa porque é arriscado demais perder-se a forma. Mas vejo agora o que na verdade acontecia: eu tinha tão pouca fé que havia inventado apenas o futuro, eu acreditava tão pouco no que existe que adiava a atualidade para uma promessa e para um futuro. Mas descubro que não é sequer necessário ter esperança. É muito mais grave.

Ah, sei que estou de novo mexendo no perigoso e que deveria calar-me para mim mesma. Não se deve dizer que a esperança não é necessária, pois isto pode vir a se transformar, já que sou fraca, em arma destruidora. E para ti mesmo, em arma utilitária de destruição. Eu poderia não entender, e tu poderias não entender que prescindir da esperança – na verdade, significa ação, e hoje.

O presente é a face hoje do Deus. O horror é que sabemos que é em vida mesmo que vemos Deus. É com os olhos abertos mesmo que vemos Deus. E se adio a face da realidade para depois de minha morte – é por astúcia, porque prefiro estar morta na hora de vê-lo e assim penso que não O verei realmente, assim como só tenho coragem de verdadeiramente sonhar quando estou dormindo.

Eu sei que o que eu estou sentindo é grave e pode me destruir. É como se eu estivesse me dando a notícia de que o reino dos céus já é. E eu não quero o reino dos céus, eu não o quero, só agüento a sua promessa! Pois prescindir da esperança significa que eu tenho que passar a viver, e não apenas a me prometer a vida, como um adulto que não tem coragem de ver que já é adulto e continua a se prometer a maturidade. Toda minha luta fraudulenta vinha de eu não querer assumir a promessa que se cumpre: eu não queria a realidade. Pois ser real é assumir a própria promessa e assumir a própria inocência.

Ah, meu amor, as coisas são muito delicadas. A gente pisa nelas com uma pata humana demais, com sentimentos demais. Só a deli-

cadeza da inocência ou só a delicadeza dos iniciados é que sente o seu gosto quase nulo. Só que minha violência tem que ser comigo mesma. Tenho que me violentar para precisar mais. Para que eu me torne tão desesperadamente maior que eu fique vazia e necessitada e assim terei tocado na raiz do precisar. Tenho que me violentar até não ter nada e precisar de tudo.

Agüenta eu te dizer que Deus não é bonito. E isto porque Ele não é nem um resultado e nem uma conclusão e tudo o que a gente acha bonito é as vezes apenas porque já está concluído. Mas o que hoje é feio será daqui a séculos visto como beleza porque terá completado um de seus movimentos. Eu não quero mais o movimento completado que na verdade nunca se completa e nós é que por desejo o completamos: não quero usufruir da facilidade de gostar de uma coisa só porque estando ela aparentemente completada, não me assusta mais e então é falsamente minha – eu, devoradora que era das belezas. Não quero a beleza, quero a identidade. A beleza seria um acréscimo, e agora vou ter que dispensá-la. O mundo não tem intenção de beleza, e isto antes me chocaria. A coisa é muito mais que isto. O Deus é maior que a bondade com a sua beleza. Deus é o que existe e todos os contraditórios são dentro do Deus, e por isso não O contradizem.

— E aí lembrei-me de ti, que és o mais antigo na minha memória. Tu eras a pessoa mais antiga que eu jamais conheci. Eras a monotonia de meu amor eterno, e eu não sabia. Eu tinha por ti o tédio que sinto nos feriados. Eu não sabia que aprendi tanto contigo. Eu te revejo consertando a tomada, unindo os fios elétricos, e tratando as coisas com delicadeza. Tua energia física era a tua energia mais delicada. E eu aprendi a te ver consertar uma cadeira quebrada e a trançar os fios, com cuidado... Era feriado. Ah, como então eu queria a dor, ela me distrairia daquele grande vácuo divino que eu tinha contigo. Eu, a deusa repousando; tu, no Olimpo. Era feriado nacional, as bandeiras hasteadas e a noite caindo... E eu não suportava aquela transformação lenta de algo que lentamente se transforma no mesmo algo, apenas acrescentado de mais uma gota idêntica de tempo. E lembro que te disse: – Eu estou com um pouquinho de enjôo de estômago. O que é que nós vamos fazer, a noite? – Nada, respondeste tão mais sábio que eu. Nada, é feriado. Disse o homem que era delicado com as coisas e com o tempo.

Ah, em mim toda está doendo largar o que me era o mundo. Largar é uma atitude tão áspera e agressiva que a pessoa que abrisse a boca para falar em largar deveria ser presa e mantida incomunicável – eu mesma prefiro me considerar temporariamente fora de mim, a ter a coragem de achar que tudo isso é uma verdade. De uma coisa eu sei: daqui a pouco, eu vou, não amanhã, mas hoje mesmo, comer e dançar no Tob-Bambino, estou precisando me divertir. E vou usar o vestido azul novo que me emagrece um pouco e me dá cores, e telefono pro Carlos... Ou o Antônio? Não me lembro bem em qual dos dois percebi que me queria... Ou ambos me queriam, e comerei crevettes ao não importa o quê, e sei porque vou comer, vou comer porque hoje vai ser a minha vida diária retomada, a da minha alegria comum. Eu vou precisar da minha leve vulgaridade doce e bem humorada, o resto dos meus dias, eu preciso esquecer como todo mundo.

Cena Nove – Esquecer?

Esquecer...? Ah, meu Deus... Mas é que... eu... eu... não contei tudo.

Eu ainda não parara de olhar a massa da barata. E eu sabia que enquanto eu tivesse nojo, o mundo me escaparia e eu me escaparia. Eu sabia que o erro básico de viver é ter nojo. Pois ter nojo me contradiz, contradiz em mim a minha matéria. Ter nojo de beijar o leproso sou eu errando a primeira vida em mim.

Então... não pude mais me impedir e pensei o que na verdade já tinha pensado. Eu estou tentando te poupar, mas não posso. De repente eu soube que chegara o momento de

realmente não transcender mais. É que a redenção devia ser na própria coisa, e a redenção na própria coisa seria eu botar na boca a massa branca da barata.

Só à idéia fechei os olhos com a força de quem tranca os dentes, e tanto apertei que mais um pouco e eles se quebrariam. Minhas entranhas diziam não! Minha massa rejeitava a da barata. Eu não podia, eu não podia.

Só haveria um modo: se eu desse a mim mesma um comando, um comando hipnótico, e então eu como que me adormeceria, e quando abrisse os olhos já "teria feito", sonambulicamente teria feito.

O suor recomeçara, os dedos melados dos pés escorregavam dentro do chinelo, e a raiz de meus cabelos amolecia àquela coisa que era o meu suor novo, um suor que eu não conhecia e que tinha um cheiro igual ao que sai da terra ressecada às primeiras chuvas.

Avancei um passo. Mas em vez de ir adiante, de repente vomitei. (RI UM RISO NERVOSO E DE CONSCIÊNCIA DO RIDÍCULO.) Vomitei o leite e o pão que havia comido no café da manhã. Desiludida comigo mesma, com minha falta de força de cumprir o gesto que parecia ser o único capaz de reunir meu corpo à minha alma, agora eu ia ter de agir sem a ajuda da exaltação anterior, eu havia vomitado a exaltação.

Então avancei. Avancei, sem mais adiar, avancei.

E minha alegria e minha vergonha foi ao acordar do desmaio. Não, não fora desmaio, fora mais uma vertigem, pois eu continuava de pé, apoiando a mão no guarda-roupa.

Eu não queria pensar mas sabia. Tinha medo de sentir na boca aquilo que estava sentindo, tinha medo de passar a mão pelos lábios e perceber vestígios... e medo de olhar a barata – que agora devia ter menos massa branca sobre o dorso opaco. Nunca mais eu ia saber como tinha feito – pois antes eu havia tirado de mim a participação, eu não tinha querido saber.

Então era assim? Alguma coisa sempre teria que estar aparentemente morta para que o vivo se processasse? Eu tinha que não saber que estava, que estou viva? O segredo de jamais se escapar da vida maior era o de viver como um sonâmbulo?

"... porque não és frio nem quente, porque és morno, eu te vomitarei de minha boca..." – A frase do apocalipse me veio do fundo da memória..., a frase que devia se referir a outras coisas me veio, e eu... crispei minhas unhas na parede E então comecei a cuspir, a cuspir furiosamente aquele gosto de coisa alguma, gosto de um nada que no entanto me parecia quase adocicado como o de certas pétalas de flor, gosto de mim mesma – eu cuspia a mim mesma, sem chegar jamais ao ponto de sentir que enfim tivesse cuspido minha alma toda.

Até que meus olhos se encheram de lágrimas que só ardiam e não corriam, e eu parei espantada. Compreendi com surpresa que estava desfazendo tudo o que laboriosamente havia feito. Mas mesmo não escorrendo, as lágrimas me serviam de companheiras, e como quem volta de uma viagem voltei a me sentar quieta na cama.

Entendi então que, de qualquer modo, viver é uma grande bondade para com os outros. Basta viver, e por si mesmo isto resulta na grande bondade. Quem vive totalmente está vivendo para os outros, quem vive a própria largueza está fazendo uma dádiva, mesmo que sua vida se passe dentro da incomunicabilidade de uma cela. Viver é uma dádiva tão grande que milhares de pessoas se beneficiam com cada vida vivida.

Não. Eu não precisava ter tido a coragem de comer a massa da barata. Entendi que eu não estava me despojando como os santos se despojam, mas estava de novo querendo o acréscimo. O acréscimo é mais fácil de amar.

E agora, preciso da sua presença não para que eu não tenha medo, mas para que você não tenha medo. Sei que acreditar em tudo isso será, no começo, a sua grande solidão. Mas chegará o instante em que você também me dará a mão não mais por solidão, mas como eu agora: por amor.

Antes eu não sabia que o que eu chamava de "eu" era um acréscimo de mim. Mas agora, através de meu mais difícil espanto – estou enfim fazendo o caminho inverso, e vou em direção a destruição do que construí, e caminho enfim para uma espécie de... despersonalização.

A despersonalização como a grande objetivação de si mesmo, a maior exteriorização a que se chega. Quem se atinge pela despersonalização reconhecerá o outro sob qualquer disfarce: o primeiro passo em relação ao outro é achar em si mesmo o homem de todos os homens. Assim como houve o momento em que vi que a barata é a barata de todas as baratas, assim quero de mim mesma, encontrar em mim a mulher de todas as mulheres. Toda mulher é a mulher de todas as mulheres, todo homem é o homem de todos os homens, e cada um deles poderia se apresentar onde quer que se julgue o homem. Mas apenas em imanência, porque só alguns atingem o ponto de, em nós, se reconhecerem, e então, pela simples presença da existência deles, revelarem a nossa.

Cena Dez – A Paixão

A despersonalização como a destituição do individual inútil. Pouco a pouco tirar de si, com um esforço tão atento que não se sente a dor, tirar de si como quem se livra da própria pele, as características. Aquilo de que se vive – e por não ter nome só a mudez pronuncia – é disso que me aproximo através da grande largueza de deixar de me ser. Não porque eu então encontre o nome e torne concreto o impalpável – mas porque designo o impalpável como impalpável, e então o sopro recrudesce como na chama de uma vela.

A gradual deseroização de si mesmo é o verdadeiro trabalho que se labora sob o aparente trabalho, a vida é uma missão secreta. E tão secreta é a verdadeira vida que nem a mim, que morro dela, me pode ser confiada a senha, morro sem saber de quê. Até que me seja enfim revelado que a vida em mim não tem o meu nome. E eu também não tenho nome. E porque me despersonalizo a ponto de não ter o meu nome, respondo cada vez que alguém disser: eu. E é exatamente através do malogro da voz que se vai pela primeira vez ouvir a própria mudez e a dos outros e a das coisas, e aceitá-la como a possível linguagem. Só então minha natureza é aceita, aceita com o seu suplício espantado, onde a dor não é alguma coisa que nos acontece, mas o que somos. E é aceita a nossa condição como a única possível, já que ela é o que existe, e não outra. E já que vivê-la é a nossa paixão. A condição humana é a paixão de Cristo.

Ah, mas para se chegar à mudez, que grande esforço de voz. Minha voz é o modo como vou buscar a realidade: a realidade, antes de minha linguagem existe como um pensamento que não se pensa, mas por fatalidade fui e sou impelida a precisar saber o que o pensamento pensa. A realidade antecede a voz que a procura, mas como a terra antecede à árvore, mas como o mundo antecede o homem, mas como o mar antecede a visão do mar, a vida antecede o amor, a matéria do corpo antecede o corpo, e por sua vez a linguagem um dia terá antecedido a posse do silêncio.

Eu tenho a medida que designo – e este é o esplendor de se ter uma linguagem. Mas eu tenho muito mais a medida que não consigo designar. A realidade é a matéria prima, a linguagem é o modo como vou buscá-la e como não acho. Mas é do buscar e não achar que nasce o que eu não conhecia, e que instantaneamente reconheço. A linguagem é o meu esforço humano. Por destino tenho que ir buscar e por destino volto com as mãos vazias. Mas – volto com o indizível. O indizível só me poderá ser dado através do fracasso de minha linguagem. Só quando falha a construção, é que obtenho o que ela não conseguiu.

E é inútil procurar encurtar caminho e querer começar já sabendo que a voz diz pouco, já começando por ser despessoal. Pois existe a trajetória, e a trajetória não é apenas um modo de ir, a trajetória somos nós mesmos. Em maté-

ria de viver, nunca se pode chegar antes. A via crucis não é um descaminho, é a passagem única, não se chega senão através dela e com ela. A insistência é o nosso esforço, a desistência é o prêmio. A este só se chega quando se experimentou o poder de construir, e apesar do gosto de poder, prefere-se a desistência. A desistência tem que ser uma escolha. Desistir é a escolha mais sagrada de uma vida. Desistir é o verdadeiro instante humano. E só esta é a glória própria de minha condição. A desistência é uma revelação.

Eu estava agora tão maior que já não me via mais. Tão grande como uma paisagem ao longe. E na mais última extremidade de mim eu podia enfim sorrir sem nem ao menos sorrir. O mundo independia de mim – esta era a confiança a que eu tinha chegado: o mundo independia de mim, e não estou entendendo o que estou dizendo, nunca! Nunca mais compreenderei o que eu disser. Pois como poderei dizer sem que a palavra minta por mim?

Fim.
Primeira versão terminada
em 10 de dezembro de 95.
Revisões em julho de 96
e em setembro de 200.